



Protestantismo em Revista é licenciada  
sob uma Licença Creative Commons.

## Textos e contextos: diretrizes básicas para a interpretação das parábolas

Texts and contexts: basic guidelines for the interpretation of the parables

Tiago Samuel Lopes de Carvalho\*

### Resumo

Desde o início da história da igreja existiram vários métodos ou tendências de interpretação das parábolas. A primeira tendência foi a alegórica, no período dos pais da igreja, seguida pelo método de extração do sentido quádruplo dos textos, no período medieval e pela proposta literalista com a reforma protestante. Na modernidade surgiram propostas contrárias à alegorização e tendências mais historicistas, além das tentativas de mesclar ideias antigas com métodos novos. Atualmente, o estudo dos gêneros textuais tem alterado consideravelmente a interpretação bíblica propondo que, na perspectiva dos gêneros, devem-se estudar as características de cada texto, a situação de enunciação, a função, a classificação, o estilo e o conteúdo de cada texto para que ao final haja uma interpretação adequada. Mas o termo parábola – do grego *parabolē* – pode, em sentido geral, se referir a metáforas, símiles, histórias parabólicas, histórias ilustrativas e alegorias. Os ditos parabólicos de Jesus nos evangelhos são de estrutura e classificação diferenciadas. Ele usou símiles, metáforas, alegorias e parábolas narrativas. Entender qual tipo de texto se tem a mão ajuda o leitor a fazer a interpretação correta da parábola. Além disso, é necessário identificar o aspecto popular da parábola, visto que ela era contextual e sua força estava relacionada também com a sua simplicidade e capacidade de alcançar a todos. Jesus podia utilizá-las com diferentes finalidades: com a finalidade de *explicar, ensinar, convencer* ou até, de certa forma, *confrontar (e fazê-lo cair em si) e desafiar para* suscitar uma resposta/ação do ouvinte. Por fim, depois de conceituar, classificar, estudar as características e finalidade da parábola, são apresentadas diretrizes de interpretação para o texto a partir dos diversos contextos. Essas diretrizes não pretendem ser um passo-a-passo exaustivo, mas são orientações gerais e indispensáveis que facilitam a leitura e a interpretação do gênero parábolas.

---

[Texto recebido em abril de 2015 e aceito em junho de 2015, com base na avaliação cega por pares realizada por pareceristas ad hoc]

- \* Doutorando e Mestre em Teologia pela Faculdades EST (RS), com pesquisa em Novo Testamento, parábolas, cultura da Palestina e análise sociológica. É pós-graduado em Assessoria Bíblica com pesquisa em Antigo e Novo Testamento. Tem pós-graduação em Linguística pela UCB em Leitura e Interpretação de Textos. É Graduado em Teologia e Licenciado em Letras. Atualmente é diretor do Instituto Brasileiro de Teologia e também atua como professor de Novo Testamento, Grego e Mundo Contemporâneo do Novo Testamento. E-mail: tiagosamuel@hotmail.com

**Palavras-chave**

Interpretação. Parábolas. Gênero textual. Metáfora. Símile. Alegoria. Contextos.

**Abstract**

Since the beginning of church history there have been various methods or trends of interpretation of the parables. The first trend was the allegorical, the period of the Fathers, followed by the extraction method of the fourfold sense of the texts, in the medieval period and the proposal literalist with the Protestant Reformation. In modernity emerged proposals against the allegorical and more historicist trends, in addition to attempts to merge old ideas with new methods. Currently, the study of genres have changed considerably biblical interpretation proposing that, from the perspective of gender, one must study the characteristics of each text, enunciation situation, function, rating, style and content of each text so that at the end there is an adequate interpretation. But the term parable - the Greek *parabole* - can, in a general sense to refer to metaphors, similes, parabolic stories, illustrative stories and allegories. Said parabolic of Jesus in the Gospels are differentiated structure and classification. He used similes, metaphors, allegories and parables narratives. Understanding what kind of text you have to hand helps the reader to make a correct interpretation of the parable. In addition, you must identify the popular aspect of the parable, as it was contextual and his strength was also related to its simplicity and ability to reach everyone. Jesus could use them for different purposes: in order to explain, teach, persuade or even, in some ways, confronting (and make him come to his senses) and challenge to elicit a response / listener's action. Finally, after conceptualizing, classifying, studying the characteristics and purpose of the parable, interpretation guidelines are presented to the text from the various contexts. These guidelines are not intended as a step-by-step exhaustive but are general and essential guidelines that facilitate reading and interpretação genre parables.

**Keywords**

Interpretation. Parables. Genre. Metaphor. Simile. Allegory. Contexts.

## A interpretação das parábolas na história

Desde o início da história da igreja a interpretação das parábolas tem sido um desafio para os leitores e intérpretes da Bíblia. Nos primeiros séculos a interpretação predominante das parábolas era a interpretação alegórica. No período medieval, a interpretação alegórica foi expandida e predominava o método de extração do sentido quádruplo do método alegórico dos textos<sup>1</sup> o qual foi sendo substituído pelo método que

---

<sup>1</sup> Os quatro sentidos eram: sentido literal, alegórico ou espiritual, sentido moral, e o sentido anagógico ou escatológico (VOLKMANN, Martin. Origem do Método Histórico-crítico. In: VOLKMANN, Martin; DOBBERAHN, Friedrich Erich; CÉSAR, Ely Éser Barreto. *Método histórico-crítico*. São Paulo: CEDI, 1992. p. 9).

extraía apenas o *sensus litteralis* (sentido literal) do texto. E para compreensão do sentido literal do texto não era necessária instância superior ou externa à Escritura. Mas a ênfase no *sola scriptura* dos reformadores, segundo Volkmann<sup>2</sup>, bem como a liberdade de avaliação crítica da Escritura levou a uma análise filológica, histórica e posteriormente crítica do texto bíblico<sup>3</sup>.

Na modernidade, Adolf Jülicher foi quem mais reagiu ao método de interpretação alegórica propondo que, em vez de vários pontos, a parábola tem apenas um ponto. Essa proposta enfatiza a extração dos aspectos éticos e morais da parábola. Jülicher foi seguido por C. H. Dodd que propôs com sua obra clássica (*The Parables of the Kingdom - As parábolas do reino*) que as parábolas de Jesus deveriam ser interpretadas à luz do tema o Reino de Deus. Após Dodd veio Joachim Jeremias com uma proposta extremamente histórica tentando extrair das parábolas os elementos que, segundo ele, foram acrescentados posteriormente, pois seu objetivo era tentar chegar à narrativa mais original possível<sup>4</sup>.

Atualmente não existe apenas um método de interpretação das parábolas. Há quem utilize, ainda hoje, o método de interpretação alegórica, literal, histórica ou mesmo sociológica. É verdade Jesus utilizou e contou algumas parábolas alegóricas. Mas nem todas as parábolas são alegóricas. De maneira que, alegorizar a parábola que não é, em sua constituição, uma alegoria, é um dos erros vigentes e ainda muito comuns atualmente.

Agostinho de Hipona, um teólogo, filósofo e pai da Igreja nos primeiros anos do Cristianismo, utilizava o método de interpretação alegórica e apresentou a interpretação clássica e alegórica para a parábola do bom samaritano que ficou muito conhecida por sua elaboração. Nessa interpretação, cada elemento na parábola recebeu um significado diferente. Alegoria é uma figura de linguagem geralmente utilizada para produzir um virtualização do significado. Ou seja, é a atribuição de um significado diferente para o sentido literal de uma palavra.

No famoso exemplo, citado acima, Agostinho entendeu que *O homem que descia de Jerusalém para Jericó* representava Adão<sup>5</sup>. A cidade de *Jerusalém* representava a cidade celestial da paz, da qual Adão caiu. Jericó, a cidade para a qual o homem viajava, significava a mortalidade de Adão. Nessa viagem, o homem foi assaltado e os salteadores representavam o diabo e seus anjos que lhe roubaram a imortalidade. E, assim como os

---

<sup>2</sup> VOLKMANN, 1992, p. 19.

<sup>3</sup> O surgimento do método histórico-crítico na sua origem esteve associado às mudanças no pensamento humano e na cosmovisão da época. Em outras palavras, o “método histórico-crítico é uma forma de tornar a interpretação bíblica compatível com o mundo e o modelo científico da época.” (VOLKMANN, 1992, p. 26)

<sup>4</sup> OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009. p. 394.

<sup>5</sup> FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lêes? Um guia prático para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2011. p. 180.

salteadores causaram ferimentos ao homem que viajava, também, o diabo persuadiu Adão a pecar.

Após esse assalto, o viajante da parábola ficou no chão caído e meio morto. De igual modo, no Éden, o homem, após pecar, caiu e morreu espiritualmente. Ou seja, está vivo fisicamente e morto espiritualmente, por isso, estava meio-morto segundo Agostinho. Depois, o sacerdote e o levita passaram pela estrada na qual estava o viajante caído, mas não fizeram nada. Para Agostinho, isso representava o sistema sacerdotal do Antigo Testamento que não pôde resolver o problema do pecado do homem.

Somente depois disso, veio o samaritano que ajudou o homem e, para Agostinho, ele representava o próprio Cristo. O bom samaritano fez uma série de ações representativas. O *pensar os ferimentos* significava restringir o constrangimento ao pecado, enquanto *a aplicação do óleo* era o consolo da boa esperança e *o vinho* significava a exortação para trabalhar com um espírito fervoroso.

Por último, o samaritano colocou o viajante em seu animal e o levou para a hospedaria e deu dois denários para que o hospedeiro cuidasse do ferido até que ele, o samaritano, voltasse de viagem. O animal sobre o qual foi posto o ferido significava, para Agostinho, a carne da encarnação de Cristo sobre a qual nossos pecados foram colocados. A hospedaria era a igreja e o *dia seguinte* da parábola era o dia seguinte depois da morte de Jesus, ou seja, o dia da ressurreição. Cada denário representava um aspecto da vida. Logo, dois denários significavam: o primeiro era a promessa da vida aqui; o segundo denário era a promessa da vida vindoura. O hospedeiro era Paulo e a hospedaria é a igreja.

Uma análise coerente com o contexto de origem do texto jamais chegaria a essas conclusões a que chegaram Agostinho, pois uma das características mais destacadas de uma parábola era seu aspecto popular e sua capacidade de influenciar e alcançar a mente de todos os ouvintes.

A linguística moderna, com o estudo dos gêneros, influenciou consideravelmente no estudo dos gêneros textuais e também vale para o estudo do gênero parábola. Mas o que são gêneros na perspectiva da linguística moderna? Os gêneros são compostos por discursos produzidos nas mais diversas situações comunicativas da vida diária que apresentam padrões definidos por funções, propósitos, conteúdo (temático), ação, estilo de linguagem e construção composicional<sup>6</sup>. Essa proposta trouxe contribuições para a teologia que agora pode também olhar para seus textos considerando detalhadamente situação, funções, conteúdo e estilo de cada texto e que, nesse caso, trata-se do gênero parábola<sup>7</sup>.

---

<sup>6</sup> BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da Criação Verbal* (1979). Tradução Paulo Bezerra. 6ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 262.

<sup>7</sup> CARVALHO, Tiago Samuel Lopes de. *Gênero e dialogismo na construção do sentido da Parábola do Bom Samaritano*. Universidade Católica de Brasília: Brasília, 2012. p. 36.

A parábola, assim como outros gêneros textuais, têm suas características peculiares e finalidade própria. Portanto, eram contadas para alcançar seu objetivo. Logo, para interpretar a parábola é necessário entender essas características, ou seja, identificar o que é uma parábola, suas classificações e estilos, seu conteúdo e também a finalidade para a qual elas eram utilizadas. Somente depois será apresentado um resumo de diretrizes para a interpretação das parábolas.

### O que é parábola?

O termo grego *parabolē* (*parabolh,*) é utilizado desde Platão e Isócrates com o sentido de “colocar ao lado com”, “comparação”. Nos estudos retóricos, em Aristóteles, essa palavra foi utilizada para se referir a uma forma específica da fala, que se distinguiu das demais. Etimologicamente o termo origina-se de uma preposição (*para*, que significa *ao lado*) e um verbo (*ballo*, que significa *lanço*). Ou seja, a palavra significa literalmente colocar as coisas lado a lado, para se estabelecer uma comparação.

O termo grego *parabolē* era utilizado para se referir a metáforas, símiles, histórias parabólicas, histórias ilustrativas e alegorias.<sup>8</sup> Desde então, a parábola já estava dentro do estudo dos gêneros. Na definição grega, fica claro que a parábola, no seu sentido amplo, se referia a uma analogia expandida. Essas analogias são comparações ou contrastes utilizados com o fim de explicar, ensinar ou convencer<sup>9</sup>.

Mas, considerando que Jesus era judeu, e não grego, é importante perguntar: qual era o uso que se fazia desse termo no judaísmo? O termo hebraico equivalente a parábola, no Antigo Testamento, é *māshāl* (lv'm') e significa provérbio, parábola, alegoria, adágio, dito ou discurso elaborado. O termo aparece, de diversas maneiras, 39 vezes no Antigo Testamento. A palavra pode fazer alusão a um provérbio ou máxima breve<sup>10</sup>, mas pode também referir-se a uma parábola ampliada<sup>11</sup>, a um tratado ampliado e, até mesmo, a uma pessoa ou grupo de pessoas que podem servir de ilustração<sup>12</sup> ou *māshāl*.<sup>13</sup>

<sup>8</sup> Nessa abordagem retórica clássica, havia as seguintes figuras de linguagem: imagem (*eivkw/n, eiKōn*), metáfora (*meta,fora, meTaPhora*), comparação (*o`moiw/sij, homoiōsis*), parábola (*parabolh,, paraBolē*), história ilustrativa (*paradei,gma, ParaDeiGma*), e alegoria (*avllhgori,a, allēGoria*). PEISKER, Carl Heinz. Parábola, Alegoria, Provérbio (d). In:\_\_\_\_\_. BROWN, Colin & COENEN Lothar. (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. (2 vol) São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1566.

<sup>9</sup> CARVALHO, Tiago Samuel Lopes de. *A parábola do Bom Samaritano: análise de uma história de amor e graça contada por Jesus a caminho da cruz*. São Paulo, SP: Arte Editorial, 2014, p. 63.

<sup>10</sup> Nesse exemplo podemos citar os provérbios.

<sup>11</sup> Nesse sentido a palavra *māshāl* adquire mais semelhança com o uso da parábola. Alguns exemplos de parábola ampliada no Antigo Testamento podem ser vistos em Ezequiel: Ez 17.2-24; 20.49; 20.45-49;24.3-14.

<sup>12</sup> Quanto a esse exemplo é possível citar 1 Samuel 10.12: “Pelo que se tornou em provérbio: Está também Saul entre os profetas?” Aqui a palavra é aplicada a uma pessoa que tem um comportamento extravagante. Outros exemplos são Sl 44.14; 69.11; Jr 24.9; Ez 14.8; Dt 28.37; 1 Rs 9.7; 2Cr 7.20; Jó 17.6. Nessas passagens o termo *māshāl* é utilizado com o sentido “motivo de zombaria” e se diz que veio ou sobrevirá sobre Israel alguma pessoa ou tipo de juízo. O resultado é que Deus tornou Israel um *māshāl*

Então, no Antigo Testamento, o termo *māshāl* tinha um objetivo claro: o de avivar a percepção daquilo que é real em contraste com o que se deseja. Também se pretendia forçar o ouvinte a fazer um juízo de si mesmo, sua situação e conduta<sup>14</sup>. É esse o pano de fundo do termo, no contexto judaico da época de Jesus.

Em sua época, Jesus usou as parábolas com muito mais frequência, de maneira muito mais inovadora que qualquer outro mestre judeu. No uso de Jesus, a parábola, na condição de gênero literário, consistia em uma narrativa típica, que contém elementos do cotidiano do ouvinte<sup>15</sup>. Porém, tais elementos eram rearranjados de uma nova maneira, para proporcionar uma nova visão sobre as coisas comuns, ou para ensinar de maneira diferente. Para Manson<sup>16</sup>, a parábola é um “quadro em palavras de trecho da experiência humana, concreto ou imaginado, mas, além disso, o quadro retrata ou um tipo ético (para a nossa admiração ou reprovação) ou algum princípio”.

As parábolas, em sua origem, são gêneros predominantemente orais, os quais, posteriormente, foram registrados assumindo a forma escrita. O registro escrito da parábola pode ter assumido novo contexto, diferente daquele em que surgiu oralmente. Assim como os outros gêneros, as parábolas são enunciados concretos e culturalmente situados. Elas têm uma estrutura e estão ligadas a aspectos da vida cotidiana, por meio do seu tema, estrutura e propósito. Então, considerando-se que a parábola tem tema, estrutura e propósito, não se pode encerrar a conceituação da parábola, tendo em vista apenas a forma. Por isso, apesar de já se ter iniciado a conceituação, ela só estará completa, à medida que outros elementos como *finalidade, características, tema, contexto situacional e classificação* forem abordados.

### Classificação das parábolas

O termo parábola pode ser compreendido em sentido amplo ou estrito. O significado abrangente do termo pode envolver qualquer ilustração ou analogia como já foi ensinado acima<sup>17</sup>. Nesse sentido amplo, o termo “*parabolē*” é usado algumas vezes na Bíblia para se referir aos provérbios (ditados curtos), símiles, metáforas, comparações

---

para as nações. Ou seja, Deus fez de Israel um exemplo público, uma lição ilustrada para os seus contemporâneos.

<sup>13</sup> HAMILTON, Victor. *māshāl* (1258a). In:\_\_\_\_\_. HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo, SP: Vida Nova, 1998, p. 1257.

<sup>14</sup> HERBERT, A. S. *The parable in the Old Testament apud* HAMILTON, 1998, p. 1257.

<sup>15</sup> ZABATIERO, Júlio P.T. Parábola, Alegoria, Provérbio (d). In:\_\_\_\_\_. BROWN, Colin & COENEN Lothar. (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. (2 vol) São Paulo: Vida Nova, 2000. p. 1570.

<sup>16</sup> MANSON, T. W. *O ensino de Jesus: pesquisa sobre sua forma e conteúdo*. São Paulo: Aste, 1965. p. 95.

<sup>17</sup> CARVALHO, Tiago Samuel Lopes de. *A misericórdia que ultrapassa fronteiras: uma leitura sociológica da parábola do Bom Samaritano - Lucas 10.25-37*. Orientador Verner Hoefelmann - São Leopoldo: EST/PPG, 2013. p. 65.

curtas ou analogias, parábolas narrativas e outras. Snodgrass<sup>18</sup> escreve que uma parábola é entendida no seu sentido amplo como ilustração.

Já, no significado estrito do termo *parabolē* são consideradas como parábolas apenas as de tipologia narrativas. As parábolas narrativas podem ser subdivididas em três subgrupos: parábolas narrativas duplamente indiretas, parábolas jurídicas (um tipo específico de parábolas narrativas duplamente indiretas) e parábolas narrativas indiretas simples.

### *Similitudes*

As similitudes são compostas de símiles (imagens) e é uma comparação explícita, a qual é introduzida por termos como “como”, “qual”, “assim como”, “do mesmo modo” (ex.: eles são como ovelhas sem pastor). Para Snodgrass<sup>19</sup>, as similitudes, às vezes chamadas de parábolas, de modo mais restrito, são tipicamente mais diretas, menos confrontadoras e menos desenvolvidas.

### *Metáforas*

Na metáfora as qualidades de uma coisa são atribuídas à outra, sem um ponto explícito de comparação, por exemplo, “Vós sois a luz do mundo”. Enquanto que na símile uma coisa é comparada a outra com a semelhança expressa pelas palavras “igual” ou “como”, na metáfora não há conjunção comparativa. Então, se o texto dissesse “vós sois como a luz do mundo”, seria uma símile, mas o termo “como” não aparece: é uma metáfora.

Nessa obra, o termo **parábola** será utilizado em seu sentido estrito, dentro da abordagem dos gêneros. Sobre o significado estrito do termo, Adolf Jülicher<sup>20</sup> fez uma distinção entre **parábolas**, **similitudes**, as **narrativas de exemplo** e as **alegorias**. Nessa classificação, Jülicher<sup>21</sup> chama de *parábola* apenas as parábolas narrativas<sup>22</sup>. Ele considerou as alegorias, as similitudes (nesse termo deixou os ditos parabólicos, proverbiais ou

---

<sup>18</sup> SNODGRASS, Klyne. *Compreendendo todas as Parábolas de Jesus*. Tradução de Marcelo S. Gonçalves. Rio de Janeiro: CPAD, 2011. p. 25.

<sup>19</sup> SNODGRASS, 2011. p. 38.

<sup>20</sup> Estudioso nascido na Alemanha que se deteve no estudo das parábolas bíblicas e que escreveu uma obra de dois volumes no final do século XIX. Essa obra com o título *Die Gleichnisreden Jesu* ainda não foi traduzida do alemão. Recebeu apenas uma reimpressão em volume único em 1963 (SNODGRASS, 2011).

<sup>21</sup> JÜLICHER apud SNODGRASS, 2011.

<sup>22</sup> Joachim Jeremias, outro estudioso alemão das parábolas bíblicas, concordou com a tese de Adolf Jülicher e defendeu que as parábolas narrativas utilizadas por Jesus são parábolas de um único ponto de comparação e sem teor alegórico. Ele acredita que qualquer elemento alegórico presente nessas parábolas foi adicionado depois. JEREMIAS, Joachim. *As Parábolas de Jesus*. 10ª. ed. São Paulo: Paulus, 2007. p. 7-15.

aforísticos<sup>23</sup>) e as narrativas de exemplo como gêneros distintos da parábola narrativa. Para esse mesmo estudioso, as alegorias são, em essência, outro gênero composicional.

### *Parábolas narrativas*

As parábolas caracterizadas pelas composições narrativas são as duplamente indiretas, as jurídicas e as indiretas simples. Para Klyne Snodgrass<sup>24</sup>, a distinção se dá pela maneira como o significado dessas narrativas se relaciona com o ouvinte. O termo “indireto”<sup>25</sup> está se referindo ao tema e às personagens. Por isso, duplamente indiretas. Nelas, a história é narrada indiretamente, valendo-se de outros fatos do cotidiano para, ao final, referir-se ao que se deseja. A adjetivação *indireta* também se dá por causa dos personagens. Nessas narrativas, os personagens são outros; mas, de alguma maneira, fazem alusão a algum comportamento do público ouvinte. Ou seja, tanto o tema quanto os personagens na narrativa são diferentes daquilo a que se faz alusão.

As parábolas jurídicas são um subgrupo das parábolas duplamente indiretas, mas sua peculiaridade está no caráter mais confrontador da parábola, pois nelas se conta uma história que tem por objetivo a autocondenação do ouvinte com o auxílio de uma figura<sup>26</sup>.

O ouvinte é forçado a julgar as circunstâncias da parábola para, depois da queda das escamas dos seus próprios olhos, perceber que ele julgou a si mesmo. Kierkegaard descreveu a comunicação indireta como “pensamentos que nos apunham pelas costas”. A parábola do Bom Samaritano é uma parábola indireta simples, mas está muito próxima de ser classificada como uma parábola jurídica. A pergunta de encerramento levantada por Jesus ao escriba exige uma resposta.<sup>27</sup>

Na parábola jurídica, o ouvinte é desafiado a julgar a si mesmo, através da parábola. O caso mais conhecido de parábola jurídica na Bíblia<sup>28</sup> é o caso da Parábola da Ovelha, contada por Natã a Davi, para confrontá-lo com seu pecado (2 Sm 12.1-14). O profeta conta o relato, que é duplamente indireto por causa dos personagens e do tema. Os personagens da parábola são outros e o tema não é, de início, claramente identificado com

---

<sup>23</sup> Segundo dicionário Houaiss é “máxima ou sentença que, em poucas palavras, explicita regra ou princípio de alcance moral”.

<sup>24</sup> SNODGRASS, 2011, p. 40.

<sup>25</sup> O entendimento de que as parábolas são formas de comunicação indireta é herdado de Kierkegaard. E para ele algumas parábolas bíblicas apresentam um aspecto duplamente indireto. Essa distinção entre comunicação direta e indireta aponta para a seguinte distinção: a comunicação direta trata com o ouvinte do assunto que está a mão; a comunicação indireta utiliza outro assunto para ensinar outro, ou outra pessoa para se dirigir ao ouvinte. Por isso duplamente indireta, uma pelo tema e outra pelos personagens da história (Jornais e Escritos de Søren Kierkegaard, 1:273,282 apud SNODGRASS, 2011, p. 37).

<sup>26</sup> SNODGRASS, 2011, p. 40.

<sup>27</sup> SNODGRASS, 2011, p. 41.

<sup>28</sup> Outros exemplos de parábolas jurídicas são as parábolas dos Dois Filhos (Mt 21.28-32), dos Lavradores Maus (Mt 21.33-45; Mc 12.1-12; Lc 20.0-19) e dos Dois Devedores (Lc 7.40-47).

o assunto do pecado de Davi. Somente depois da confrontação é que Davi percebe que é o personagem rico daquela parábola e as suas atitudes referem-se a ele e a seu pecado respectivamente.

Já as parábolas indiretas simples (em vez de duplas) tratam do assunto que se tem à mão (assunto que está sendo discutido), mas os personagens da parábola fazem alusão indireta aos ouvintes. Elas pretendem apresentar um exemplo positivo ou negativo que deve, ou não, ser seguido; por isso, são também chamadas de histórias de exemplo. Ao final desses relatos o desafio é “faça” ou “não faça”; isso acontece ao final da parábola do Bom Samaritano, por meio da qual o doutor da lei é desafiado a fazer como fez o personagem da parábola, o samaritano. Nesse tipo de parábola, apenas os personagens são diferentes, mas o tema da parábola é o mesmo que se deseja ensinar. Além da parábola do Bom Samaritano, que é estudada nesta obra, existem outras parábolas indiretas simples como a do Rico Insensato, a do Rico e do Lázaro, e a do Fariseu e do Publicano<sup>29</sup>.

Além da classificação das parábolas, e antes de passar para as diretrizes de interpretação delas, se faz necessário compreender uma das características mais importantes das parábolas, que era seu aspecto popular e sua correção com o cotidiano. O entendimento dessa característica auxiliará na interpretação das parábolas. Um exemplo claro pode ser dado a partir da interpretação feita por Agostinho: se a parábola era contada para ser interpretada pelos ouvintes originais, e, por isso, continha elementos do cotidiano, então não é razoável atribuir um significado alegórico para cada elemento da parábola, como fez Agostinho, algo que os ouvintes originais jamais teriam condições de fazer.

Pois a parábola não era contada para que o ouvinte passasse muitos dias tentando entender seu significado, mas era contada para ser entendida imediatamente, visto que se os ouvintes não compreendiam jamais poderiam esboçar uma reação às parábolas, e dessa forma, a parábola não alcançava seu objetivo. Vejamos então a seguir o aspecto popular da parábola.

### **O aspecto popular da parábola**

A parábola era contextual e sua força estava relacionada também com a sua simplicidade e capacidade de alcançar a todos. É possível perceber, a partir de alguns textos, que a parábola desempenhava seu papel de acordo com o público que a ouvia. A parábola era simples, mas profunda. Jesus as usou comumente para falar das verdades do Reino de Deus. Dessa forma ela continha elementos do cotidiano, que eram populares aos mais simples; mas, por outro lado, esses elementos eram organizados de maneira completamente nova e profunda.

---

<sup>29</sup> SNODGRASS, 2011, p. 41.

Pela simplicidade e popularidade dos elementos da parábola, que Jesus comparava ao Reino, toda a multidão conseguia compreender e ter acesso ao ensino do Reino de Deus. Porém, a reorganização dos elementos na parábola tinha também um aspecto didático. O primeiro sentido era alcançado por todos, mas alguns elementos mais elaborados e profundos precisavam ser explicados às pessoas simples (seus discípulos).

Ou seja, enquanto as multidões eram levadas, por meio das parábolas, a tomar uma decisão favorável ou contrária a Jesus e ao Reino, os discípulos, que já tinham tomado suas decisões, eram desafiados e ensinados por meio delas. O texto de Marcos afirma: “E com muitas parábolas semelhantes lhes expunha a palavra, conforme o **permitia a capacidade dos ouvintes**. E sem parábolas não lhes falava; tudo, porém, **explicava em particular aos seus próprios discípulos**” (Mc 4.33,34, ARA).

Ensinar por parábolas era a marca popular do ensinamento de Jesus. As vezes que Jesus não explicava a parábola, mas terminava dizendo “quem tem ouvidos para ouvir ouça”, mostra que Jesus acreditava na capacidade de o povo descobrir o sentido das parábolas<sup>30</sup>. “Por meio das parábolas, Jesus ajudava o povo a descobrir a presença do Reino na vida. Esta era a novidade da boa-nova trazida por Jesus, diferente do ensino dos doutores (Mc 1. 22, 27)”<sup>31</sup>. A frase de Robert H. Stein<sup>32</sup> expressa esse aspecto de maneira interessante: Parábolas são histórias terrenas que ilustram verdades celestiais<sup>33</sup>.

Ao ensinar por parábolas, Jesus revelava um novo rosto de Deus, no qual “o povo se *re-conhecia* e com o qual se alegrava”<sup>34</sup>. Ou seja, eram as características de Deus e do Reino ensinadas a partir da vida do povo. As imagens refletiam o trabalho agrícola e pastoril, a partir da vida dos camponeses da Galileia. Jesus falava a partir de um modo de produção tributário e escravagista, mas ficava do lado dos camponeses espoliados<sup>35</sup>. Jesus procurava mostrar que a vinda do Reino de Deus teria repercussões na economia, política, e, de modo especial, na ideologia da lei. Jesus contava as parábolas a partir da realidade, mas não era uma mera reprodução, ele a transformava e as utilizava como elemento de transformação<sup>36</sup>.

Para compreender a parábola, é necessário identificar a sua função, o que é feito no tópico seguinte. Nenhum estudo de um tipo de texto pode limitar-se a analisar somente a forma e os critérios de semelhança; é importante também considerar cada contexto, visto

---

<sup>30</sup> MESTERS, Carlos; MOREIRA, Gilvander. *O Bom Samaritano: Ontem e Hoje*. São Leopoldo: CEBI – Centro de Estudos Bíblicos, 2012. p. 8.

<sup>31</sup> MESTERS; MOREIRA, 2012, p. 9.

<sup>32</sup> STEIN, Robert H. *An introduction to the parables of Jesus*. Philadelphia: Westminster, 1981. p. 27.

<sup>33</sup> Parables are earthly stories that illustrate heavenly truths.

<sup>34</sup> MESTERS; MOREIRA, 2012, p. 10.

<sup>35</sup> ANDERSON, Ana Flora; GORGULHO, Gilberto. As parábolas nasceram da terra e do trabalho da Galileia. In: \_\_\_\_\_. *O Evangelho de Mateus*. Estudos Bíblicos, v.26. Petrópolis: Vozes, 1990. p. 43.

<sup>36</sup> ANDERSON; GORGULHO, 1990, p. 43.

que uma das características dos gêneros é a dinamicidade. Os textos são, entre si, diferentes, por isso merecem atenção diferenciada.

### **A finalidade social da Parábola**

Então, qual é a finalidade da parábola? Os autores divergem não apenas quanto à definição e classificação das parábolas, como também quanto à funcionalidade delas. Apesar disso, há pelo menos cinco palavras que descrevem de alguma maneira a intenção que tem o contador da parábola. O autor pode utilizar esse gênero com a finalidade de *explicar, ensinar, convencer* ou até, de certa forma, *confrontar (e fazê-lo cair em si) e desafiar para suscitar uma resposta/ação do ouvinte*.

Aristóteles já falava da finalidade persuasiva e retórica da parábola. Os chineses, por sua vez, desde datas antigas, também as usavam com a finalidade de admoestação e proverbial. Também os rabinos judeus e, não raro, o profetismo judaico, fizeram uso dessa modalidade discursiva para confrontação e ensino. Além disso, é claro que algumas parábolas têm um caráter ilustrativo inegável, que pode ser bastante útil para o propósito didático. Na maioria dos casos, a parábola é uma analogia ampliada, utilizada para convencer e persuadir<sup>37</sup>.

Para Søren Kierkegaard<sup>38</sup>, a parábola tem uma força enorme de ensino e persuasão, que ocorre através da confrontação surpresa. Para ele, a comunicação direta é de grande importância para a propagação da informação. Porém, para o aprendizado ocorrer, deve haver mais que transmissão da informação, principalmente para pessoas que se consideram já portadoras dessa informação. Isto é, as pessoas levantam suas defesas contra a comunicação direta e aprendem a conformar suas mensagens aos canais da sua compreensão da realidade. Porém, a comunicação indireta ocorre pela janela dos fundos e confronta o ouvinte naquilo que ele entende por realidade. Ou seja, as parábolas são formas de comunicação indireta<sup>39</sup>.

Já Joachim Jeremias<sup>40</sup>, bastante influenciado por Adolf Jülicher, destacou que a finalidade principal da parábola é, ao final, produzir resposta ou reação do ouvinte. Para ele, as parábolas no seu contexto original não deveriam ser interpretadas, pois, à primeira vista, constituía material sem problema, por conter elementos familiares ao mundo dos ouvintes. Tudo é tão simples e claro para o ouvinte, ao ponto de ele não poder dar nenhuma outra resposta senão: sim, de fato é assim. Ele ainda escreveu, referindo-se às parábolas de Jesus, que:

---

<sup>37</sup> SNODGRASS, 2011, p. 24.

<sup>38</sup> KIERKEGAARD apud SNODGRASS, 2011, p. 33.

<sup>39</sup> KIERKEGAARD apud SNODGRASS, 2011, p. 33

<sup>40</sup> JEREMIAS, 2007, p. 15.

as parábolas [...] não são – em todo caso não primariamente – obras de arte, nem querem inculcar somente princípios gerais, mas cada uma delas foi pronunciada numa situação concreta da vida de Jesus, situação única e muitas vezes imprevista. Muitas vezes, e até mesmo no mais das vezes, trata-se aí, como veremos de situações de conflito, justificação, de defesa, de ataque e até mesmo de desafio: as parábolas são, não exclusivamente, mas em grande parte, armas de luta. Cada uma delas exige uma resposta concreta e imediata. [...] Cada uma das parábolas tem um lugar histórico determinado na vida.<sup>41</sup>

Na citação acima, Joachim Jeremias enfatiza o aspecto situacional e particular de cada parábola. Dessa forma ele reconhece o caráter único e individual do enunciado, mas o faz a partir de duas generalizações que acabam por se confrontar com o princípio da unicidade e singularidade (cada texto é um texto). Ele diz que as parábolas “não são obras de arte”, o que pode ser bastante questionável.

Mas o objetivo, de se destacar esses aspectos na citação acima, é afirmar que os objetivos das parábolas não são iguais, mas são dinâmicos. Ora, como é possível aceitar que as parábolas de Jesus tenham tido objetivos iguais, se elas não são iguais e foram pronunciadas para públicos diferentes em situações diversas? Como se afirmou, os enunciados são individuais, singulares e irrepetíveis. Talvez o que se possa apresentar é um conjunto das funções mais conhecidas, que as parábolas podem desempenhar. Mas, negar uma função, enquanto se afirma outra, de forma generalizada, é um erro que desconsidera todo o estudo dos gêneros como tal.

Assim, a melhor consideração é a de que a função da parábola deverá ser identificada no seu conjunto: tema, situação, estrutura, sua comunidade discursiva, seu público alvo e, especialmente, no seu contexto de enunciação. Ou seja, deve se observar se a parábola foi contada no meio de um sermão de ensino, no meio de um diálogo (como no caso da parábola do Bom Samaritano – Lc 10.25-37), ou num ambiente de confrontação (como a parábola da Ovelha, da Dracma e dos Filhos perdidos – Lc 15.1-2; 3-32). Isso deve servir de critério para identificar o motivo que deu origem à parábola. Esse objetivo identificado no contexto de enunciação da parábola deve direcionar a interpretação dela.

Um exemplo claro é o caso da parábola do Bom Samaritano, a qual foi contada no meio de um diálogo com um doutor da lei. A parábola não pode ser tirada desse contexto. O doutor da lei perguntou quem era o próximo, porque queria se justificar, e Jesus contou a parábola, para fazer o doutor refletir sobre sua própria pergunta e para preparar a ocasião de devolução da pergunta de maneira confrontadora. Então, tirar a parábola desse contexto de diálogo é perder toda a situação contextual que teria motivado seu surgimento.

---

<sup>41</sup> JEREMIAS, 2007, p. 15.

## Interpretando a parábola

### *A necessidade da interpretação*

Ainda hoje é um desafio realizar a leitura e interpretação das parábolas. Para Fee e Stuart, interpretar a parábola hoje é destruir o que o texto era em sua origem. Para eles as parábolas “nunca podem funcionar para nós exatamente como funcionaram para os primeiros ouvintes”<sup>42</sup>. Assim, há quem argumente que interpretar a parábola é destruí-la completamente, visto que a dimensão estética é perdida, pois dessa forma a parábola assume um caráter histórico e perde seu poder evocativo com a interpretação. Sallie TeSelle<sup>43</sup> acredita que as metáforas não podem ser interpretadas, pois a metáfora não tem uma mensagem, mas ela é a mensagem.

Apesar da opinião, citada acima, concordo com Osborne e acredito ser necessária a interpretação da parábola hoje para que se entenda o poder da parábola. A interpretação é necessária porque estamos distantes do contexto original e isso requer estudos para que as distâncias diminuam. Uma das barreiras que é necessário romper para interpretação das parábolas é a da língua. A língua utilizada há quase dois mil anos atrás não é a mesma que utilizamos atualmente. Além disso, existe a barreira do tempo e geográfica, pois o tempo e o local das parábolas são bem distantes do nosso. Há dois mil anos na Palestina muitos fatores humanos, sociais e culturais eram bem diferentes do nosso atualmente.

Existe também o fator histórico que nos distancia das parábolas da Bíblia. Por exemplo, se não compreendermos o problema que havia entre judeus e samaritanos, não será possível entender plenamente a provável surpresa dos ouvintes judeus quando, na parábola do Bom Samaritano, Jesus colocou um samaritano como um modelo padrão de conduta para reprovar a teologia e o comportamento judaico. Há outras barreiras, mas essas já mostram bem o problema que se interpõe entre nós, ouvintes modernos, e as parábolas que foram contadas há dois mil anos. Logo, fazer uma exegese para interpretação dessas parábolas é a única maneira pela qual se torna possível a aproximação da correta interpretação delas, visto que precisamos, primeiramente, compreender o significado delas antes de aplicá-las. Isso posto, veremos algumas diretrizes para a interpretação das parábolas a seguir.

### *Diretrizes para a interpretação*

#### Os contextos

Uma diretriz importante para a tarefa interpretativa das parábolas é a identificação do contexto da parábola. E quando se fala de texto refletindo as condições de enunciação, principalmente os que têm mais tipologias narrativas, há que se considerar

---

<sup>42</sup> FEE; STUART. 2011, p. 184.

<sup>43</sup> TESELLE *apud* OSBORNE, 2009, p. 386.

que existem dois níveis ou dois contextos de enunciação. O primeiro contexto é o contexto do relato em si enquanto fato histórico. Assim, em primeiro plano, o primeiro contexto é o histórico e social do contexto no qual surgiu originalmente a parábola. Nesse caso, considerando que estamos tratando das parábolas de Jesus, há que se estudar o contexto histórico e social da época em que Jesus contou a parábola.

No entanto esse primeiro contexto está intrinsecamente ligado ao segundo nível. O segundo nível refere-se ao contexto literário e teológico do autor do Evangelho. Jesus não escreveu nenhum evangelho, e os evangelhos escritos pelos apóstolos só começaram a ser escritos em, aproximadamente, quarenta anos os eventos terem acontecido. Logo, tudo o que se deseja saber sobre o momento e a situação histórica e real de enunciação da parábola, terá que se recorrer a uma análise do texto dos evangelhos, com seu contexto literário e teológico, para tentar identificar aquele contexto histórico e social de Jesus.

Isso acontece porque quando os evangelistas resolveram escrever seus evangelhos eles organizaram seu material de acordo com o objetivo teológico que tinham para com suas respectivas comunidades destinatárias. Assim, é provável que uma parábola esteja dentro de um contexto em um evangelho, mas inserida em outro contexto literário em outro evangelho. Mesmo porque o critério de organização do material dos evangelistas nem sempre é o cronológico, mas eventualmente é o temático. Por exemplo, Marcos é o Evangelho mais cronológico dos sinóticos. Já Mateus tem mais preocupação com a ordenação temática dos assuntos que mesmo com a ordem cronológica dos eventos, esse é apenas um exemplo.

Assim sendo, a primeira tarefa será identificar o local no qual a parábola, enquanto gênero oral foi inserido no registro escrito. Pois para Gottwald<sup>44</sup> os gêneros orais que foram escritos, podem ter adquirido novos contextos literários, novas situações concretas de vida. Então **o primeiro passo** é identificar o contexto enunciativo no qual o evangelista inseriu a parábola. **A parábola está em um diálogo teológico, em um evento narrativo, no meio de uma história de milagre, em uma coleção teológica de assuntos, em uma situação de conflito ou sozinha?**

O estudo que for feito para resposta dessa pergunta auxiliará o estudante a realizar a leitura correta da parábola, pois o contexto enunciativo no qual a parábola está inserida no evangelho, é para o evangelista, a chave hermenêutica para compreensão da parábola. Por exemplo, vejamos **primeiro** um exemplo de parábola em um **diálogo teológico**. A parábola do Bom Samaritano foi contada por Jesus no meio de uma discussão teológica. O diálogo começou quando um doutor da lei perguntou a Jesus sobre o que deveria fazer para herdar a vida eterna. Jesus não respondeu a pergunta, mas a devolveu ao doutor da lei o qual elaborou sua própria resposta. Depois, o doutor da lei, querendo se justificar e desejando continuar o diálogo, fez uma segunda pergunta: *“E quem é o meu*

---

<sup>44</sup> GOTTWALD, Norman k. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. 3ª ed. Paulus: São Paulo, 2011, p. 103.

*próximo?*”. Essa pergunta também não foi respondida por Jesus. Jesus primeiro contou a parábola do Bom Samaritano e depois devolveu a pergunta sobre quem tinha sido próximo do viajante ferido. Esse é um exemplo claro de uma parábola inserida em uma discussão teológica que é não apenas uma moldura para a parábola, mas é também uma dica do motivo pelo qual a parábola foi contada e isso ajuda entendê-la.

O **segundo** exemplo é o de uma parábola contada por Jesus, segundo o Evangelista Lucas, **em um evento narrativo**. Trata-se de um jantar para o qual Jesus foi convidado a participar na casa de Simão<sup>45</sup>. Nesse jantar Jesus foi mal recepcionado e todas as honras de um anfitrião devidas um hóspede foram negligenciadas. Nesse cenário, aparece uma mulher pecadora que procura, item a item, compensar Jesus com honras: lavando os pés de Jesus – não com água, mas com lágrimas, enxugando – não com pano, mas com seus cabelos, beijando-o – não em sua face, nem em sua mão, mas em seus pés e, por último, unguendo os seus pés. No meio dessa sequência de atos por parte da mulher, Simão, o dono da festa, começou a pensar mal acerca da mulher e de Jesus. Essa situação deu lugar à parábola dos dois devedores que foi contada por Jesus<sup>46</sup>. Essa parábola deve ser entendida à luz desse evento. Um devedor faz alusão à mulher e outro faz alusão à Simão.

O **terceiro e o quarto contexto – história de milagre e coleção teológica de assuntos** respectivamente – serão ilustrados com a parábola do pequeno grão de mostarda. Em Lucas (13.18-19) essa parábola aparece imediatamente após Jesus ter realizado um milagre. Mas em Mateus, ela aparece inserida em uma coleção teológica de assuntos, inserida em um grupo de sete parábolas nas quais predomina o tema do Reino de Deus, por isso são chamadas de parábolas do Reino.

De acordo com Lucas o motivo pelo qual a parábola foi contada foi o contexto do milagre da mulher que tinha um espírito que a mantinha doente e por isso ela andava encurvada já há 18 anos. Jesus foi à Sinagoga e ao vê-la a curou. Essa cura gerou uma oposição por parte do dirigente da sinagoga, porque Jesus curou no sábado. Jesus respondeu com maestria condenando a hipocrisia dos que protestavam a cura e isso gerou duas reações: os oponentes ficaram envergonhados e o povo se alegrava com todas as maravilhas. Então, Jesus perguntou: “Com que se parece o Reino de Deus?”. Ou seja, o termo “então” ou “por isso”, nas traduções em português, é em grego um termo que liga a parábola ao milagre.

A chave hermenêutica da parábola é o milagre. O que havia acontecido na sinagoga naquele dia era um retrato do que foi narrado na parábola do grão de mostarda. Um jovenzinho galileu de aparência muito simples e humilde entrou naquela sinagoga, mas mostrou que tinha um poder incrível. Era assim que aconteceria com o Reino de

---

<sup>45</sup> Lc 7.36-50.

<sup>46</sup> Lc 7. 41-43.

Deus. Teria um início muito humilde e pequeno, tal como o movimento de Jesus, mas logo cresceria de tal forma que alcançaria o mundo.

Já em Mateus, essa mesma parábola aparece em um grupo de sete parábolas que Jesus teria contado a uma multidão à beira mar. Todas essas parábolas falam sobre as verdades do Reino de Deus. Esse bloco temático é, por assim dizer, a chave de interpretação para interpretação da parábola do grão de mostarda.

O último exemplo de contexto histórico-social e também literário será o **da situação de conflito**. O evangelista Lucas é o único a contar a parábola do Filho pródigo. Essa parábola, para Lucas, é uma parte de uma sequência narrativa com três partes. Na primeira, Jesus teria contado a parábola da ovelha perdida<sup>47</sup>, na segunda a parábola da moeda perdida<sup>48</sup> e, na terceira, a parábola dos dois filhos perdidos<sup>49</sup>. O momento no qual Jesus teria contado essa sequência parabólica foi um conflito entre Jesus e os fariseus e mestres da lei.

O motivo para o conflito, segundo Lucas (15.1-2), é que Jesus estava recebendo pecadores e comendo com eles. Na opinião dos fariseus, pecadores sempre seriam pecadores. E ainda que tivessem os seus pecados expiados nunca estariam em condições iguais aos fariseus religiosos. Ainda acreditavam que se misturar com os pecadores era sinônimo de adquirir impureza. Assim, o fato de Jesus, um rabino, estar recebendo e comendo com pecadores era um mau exemplo religioso, um mau comportamento. Algo que os fariseus jamais fariam. Por causa disso, Jesus resolveu contar a sequência parabólica com parábolas que contêm o elemento da perda e do reencontro.

Os fariseus eram os que se consideravam tão justos que não deviam, em hipótese alguma, ser comparados com os pecadores. Na opinião deles Jesus não devia receber os pecadores, mas devia rejeitá-los tal como eles, os fariseus, faziam. Essa é a chave interpretativa para a parábola do filho perdido. Aparentemente só há um filho perdido, o filho pródigo. Esse filho perdido representa os perdidos que Jesus estava recebendo. Na história de Jesus, havia um filho que estava em casa e criticou duramente o pai por ter recebido o filho perdido e ainda por ter feito uma festa para comer juntamente com ele. Está claro que o filho que estava em casa mostra, através de suas duras palavras contra o pai, que estava tão perdido quanto o primeiro. Mas ele não reconhecia sua situação, pois achava que tinha justiça e crédito o suficiente. Esse filho que se autojustificava representava, naquele dia, os fariseus e mestres da lei que estavam criticando Jesus por receber pecadores e comer com eles.

---

<sup>47</sup> Lc 15.3-7.

<sup>48</sup> Lc 15.8-10.

<sup>49</sup> Lc 15.11-32.

### A estrutura e classificação

Além dos contextos, considero importante outro passo nessa tarefa interpretativa que é a análise da classificação da parábola. A identificação do tipo ou da estrutura da parábola é necessária para que se faça a leitura correta. Caso uma parábola seja do tipo alegórica, como a parábola do semeador (Mt 13.3-9)<sup>50</sup>, então deverá receber um tratamento que respeite sua classificação. Geralmente, as parábolas alegóricas já estão interpretadas na Bíblia. Jesus as interpretou aos discípulos. A parábola do semeador é um exemplo típico, pois a interpretação da parábola foi dada pelo próprio Jesus (Mt 13.18-23).

A parábola, como já foi explanado nos itens 3.1 a 3.3, pode ser do tipo símile, metáfora ou parábola narrativa – parábola propriamente dita. Essas últimas podem ser duplamente indiretas, jurídicas ou indiretas simples. Essas características não serão explanadas nesse tópico novamente, pois já foram expostas nos itens mencionados acima. No entanto, lembramos que é necessário identificar a estrutura interna da parábola para identificar sua classificação. A identificação da classificação não é um fim em si mesmo. Mas tem o propósito de servir à tarefa da interpretação. Já foi mostrado no início desse artigo como uma parábola que não é alegórica, a do Bom Samaritano, foi interpretada alegoricamente por Agostinho. Identificar a classificação da parábola pode ajudar o intérprete evitar esse tipo de erro.

Outro exemplo de como a identificação da estrutura e da classificação da parábola pode ser útil pode ser dado. As parábolas jurídicas são contadas para confrontar o ouvinte e fazê-lo adotar um posicionamento que, ao final, poderá se transformar em um julgamento de si mesmo. A parábola da ovelha contada pelo profeta Natã ao Rei Davi (2 Sm 12.1-4) é o exemplo clássico de uma parábola jurídica. Quando o leitor identifica que esse texto é uma parábola narrativa jurídica fica fácil a interpretação, a qual é dada pelo próprio profeta Natã (2 Sm 12.7-9), pois ela é duplamente indireta e seus elementos fazem alusão à história de Davi. Jesus também contou parábolas jurídicas nas quais os ouvintes acabavam julgando a si mesmos como, por exemplo, a parábola dos dois devedores contada na casa de Simão<sup>51</sup>, além de outras.

### Os detalhes históricos

Já foi dito, acima, que as parábolas estavam relacionadas com a vida e continham elementos do cotidiano. Mas esse cotidiano não é o nosso, mas sim o dos ouvintes originais. Conhecer como funcionava a vida nos dias de Jesus é imprescindível. Se não conhecermos, não poderemos captar a mensagem como os ouvintes originais captaram. É como uma piada, que é contada para produzir seu efeito, o riso. Se uma piada que for

---

<sup>50</sup> Ou em Mc 4.1-20 e Lc 8.1-15.

<sup>51</sup> Lc 7.41-42. O julgamento que Simão faz de si mesmo consta no versículo seguinte Lc 7.43.

contada, contiver elementos regionais desconhecidos aos ouvintes, certamente, ela o contador não alcançará seu objetivo, pois as pessoas não darão risada por desconhecerem os elementos que compõem a piada.

Assim são com as parábolas, pois é necessário identificar os elementos que compõem o texto a fim de que ela tenha o mesmo poder que teve em sua origem. Um exemplo disso pode ser dado com a parábola do Bom Samaritano. O ouvinte atual que desconhecer os problemas históricos que havia entre judeus e samaritanos não poderá imaginar a ira que deve ter perpassado a mente do doutor da lei quando Jesus colocou o Bom Samaritano como um exemplo. Outro exemplo pode ser dado com a parábola do filho perdido. Um oriental respeitado jamais andaria correndo pelas ruas. Dessa forma, quando Jesus conta que o pai correu ao encontro do filho, os ouvintes estão captando bem o que Jesus está contando e estão, certamente, estranhando a atitude do homem.

A parábola das dez virgens é outra parábola que está cheia de elementos culturais que devem ser conhecidos para tornar mais fácil a leitura correta dela. O contexto da parábola é de um casamento oriental da época de Jesus. No começo da festa, o noivo e seus padrinhos iam até a casa da noiva. Muitas vezes essas cerimônias eram realizadas à noite; portanto, os convidados carregavam lâmpadas que, além de iluminar o caminho, contribuía para a pompa do acontecimento.

De acordo com o costume da época, as damas de honra eram sempre jovens virgens e castas que nunca tinham se casado e naquela cultura dez era o mínimo possível para a realização da cerimônia. Eram necessários 10 homens para estabelecer uma sinagoga, também se exigia 10 testemunhas para selar um contrato (Rute 4. 2) e dez pessoas deviam estar presentes para testemunhar toda circuncisão. Assim, a desconsideração desses elementos culturais tem levado muitos intérpretes da Bíblia cometerem erros de interpretação e o mais grave deles é a identificação das 10 virgens com a noiva. Esse erro além de tudo é estranho, pois é inimaginável, mesmo nas culturas em que a poligamia é permitida, que um homem casa com 10 mulheres ao mesmo tempo.

### A alegorização, a fragmentação e os pontos de referência

O erro mencionado acima com a parábola das dez virgens é ainda cometido como em muitas outras parábolas. Esse erro não decorre apenas do desconhecimento cultural, mas também da tendência de alegorização ainda hoje vigente. Com esse método os leitores procuram encontrar um correspondente para cada elemento da parábola. E com isso ocorre também a atomização da parábola, ou seja, a parábola é dividida em pequenas partes que por sua vez recebem uma análise que muitas vezes desconsidera o todo. Por isso não é aconselhável que se fragmente a parábola, pois o ouvinte poderá perder a oportunidade de ouvir como os ouvintes originais ouviram. Jesus não as contava por

partes explicando cada item. Ele contava a parábola toda de maneira cativante para promover a reação dos ouvintes.

Por último, a parábola tem um ponto de referência principal e pode ter outros pontos acessórios que devem ser analisados tendo em vista o todo. Ou seja, elas têm pontos mais e menos importantes. Num certo sentido há uma mensagem unificada, mas há também pontos de referências secundários. Para Fee e Stuart “os pontos de referência são apenas aquelas partes da história que trazem o ouvinte para dentro dela, partes com as quais ele deve identificar-se de alguma maneira à medida que a história prossegue”<sup>52</sup>.

### Considerações Finais

Essa análise procurou mostrar a importância de uma interpretação adequada para esse gênero, a parábola. Dentre os vários gêneros textuais bíblicos, a parábola é um dos que estão na lista dos mais mal interpretados. Por esse motivo se faz necessário uma análise que considere todos os aspectos desse gênero. Assim estudar qualquer texto fora da compreensão da tipologia do seu gênero textual, enquanto texto histórico e socialmente situado (com dinamismo e estruturas relativamente estáveis) leva a uma total desconsideração dos elementos de constituição.

Todo gênero textual tem sua função e sua finalidade e isso se aplica às parábolas. Dessa forma, para identificação do objetivo ou finalidade de determinada parábola é fundamental que se identifique o conjunto: tema, situação de enunciação, os contextos históricos e literários, estrutura e classificação, sua comunidade discursiva e seu público alvo. Por isso não se pode deixar de lado nem um desses aspectos para a compreensão, tanto o tema (que nas parábolas está ligado com a vida cotidiana), como a estrutura literária, e a função (que pode ser variada) devem ser levados em conta para a compreensão adequada.

### Referências

ANDERSON, Ana Flora; GORGULHO, Gilberto. As parábolas nasceram da terra e do trabalho da Galileia. In:\_\_\_\_\_. *O Evangelho de Mateus*. Estudos Bíblicos, v.26. Petrópolis: Vozes, 1990.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. *Estética da Criação Verbal* (1979). Tradução Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

CARVALHO, Tiago Samuel Lopes de. *A parábola do Bom Samaritano: análise de uma história de amor e graça contada por Jesus a caminho da cruz*. São Paulo, SP: Arte Editorial, 2014.

\_\_\_\_\_. *A misericórdia que ultrapassa fronteiras: uma leitura sociológica da parábola do Bom Samaritano – Lucas 10.25-37*. Orientador Verner Hoefelmann – São Leopoldo: EST/PPG,

---

<sup>52</sup> FEE; STUART. 2011, p. 185.

2013, p. 65.

\_\_\_\_\_. *Gênero e dialogismo na construção do sentido da Parábola do Bom Samaritano*. Universidade Católica de Brasília: Brasília, 2012.

FEE, Gordon D.; STUART, Douglas. *Entendes o que lês? Um guia prático para entender a Bíblia com auxílio da exegese e da hermenêutica*. São Paulo: Vida Nova, 2011.

GOTTWALD, Norman k. *Introdução Socioliterária à Bíblia Hebraica*. 3ª ed. Paulus: São Paulo, 2011.

HAMILTON, Victor. *māshāl* (1258a). In:\_\_\_\_\_. HARRIS, R. Laird; ARCHER JR., Gleason L.; WALTKE, Bruce K. *Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento*. São Paulo, SP: Vida Nova, 1998.

JEREMIAS, Joachim. *As Parábolas de Jesus*. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2007.

MANSON, T. W. *O ensino de Jesus: pesquisa sobre sua forma e conteúdo*. São Paulo: Aste, 1965.

MESTERS, Carlos; MOREIRA, Gilvander. *O Bom Samaritano: Ontem e Hoje*. São Leopoldo: CEBI – Centro de Estudos Bíblicos, 2012.

OSBORNE, Grant R. *A espiral hermenêutica: uma nova abordagem à interpretação bíblica*. São Paulo: Vida Nova, 2009.

PEISKER, Carl Heinz. Parábola, Alegoria, Provérbio (d). In:\_\_\_\_\_. BROWN, Colin & COENEN Lothar. (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. (2 vol) São Paulo: Vida Nova, 2000.

SNODGRASS, Klyne. *Compreendendo todas as Parábolas de Jesus*. Tradução de Marcelo S. Gonçalves. Rio de Janeiro: CPAD, 2011.

STEIN, Robert H. *An introduction to the parables of Jesus*. Philadelphia: Westminster, 1981.

VOLKMANN, Martin. *Origem do Método Histórico-crítico*. In: VOLKMANN, Martin; DOBBERAHN, Friedrich Erich; CÉSAR, Ely Éser Barreto. *Método histórico-crítico*. São Paulo: CEDI, 1992.

ZABATIERO, Júlio P.T. Parábola, Alegoria, Provérbio (d). In:\_\_\_\_\_. BROWN, Colin & COENEN Lothar. (orgs.). *Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. (2 vol) São Paulo: Vida Nova, 2000.